

LEMBRANCAS DE TORMENTA

Existem lugares fantásticos tocados de maneira irretocável pela Eternidade, em que não importa quanto tempo passe, eles sempre permanecerão iguais. Locais em que cada gota de suor absorvida por um pedaço de terra ainda fértil dá gênese à sementes enterradas; em que cada peixe recolhido por uma linha de anzol com isca barata alimenta a tradição por detrás da boca que come; em que cada movimento que transite entre uma respiração e um sentimento que pulsem em um mundo de éter reverbera por locais distantes demais do limitado, a ponto de permanecerem eternos na realidade etérea oriunda da mente de deuses. Ou semideuses.

Falo por experiência própria: existem; existem locais fantásticos desse tipo.

Gorendill era um local assim.

Sabem, Gorendill era um lugar calmo. [era mesmo?]. Era sim; ao menos quando eu pensei em vir para cá. Viver como um pescador – mais um – às margens do Rio dos Deuses era uma forma, eficaz ou não, de relaxar. Relaxar e esquecer. Ou tentar [*relaxar e esquecer*].

Mas, para minha surpresa, Gorendill não se mostrou tão calma assim.

A cidade cresceu muito nos últimos tempos, especialmente depois que Guss Nossin dissolveu o pouco badalado conselho da cidade. Ela prosperou; até mesmo se desenvolveu, o que no caso da história dessa cidade não seja uma aposta tão difícil assim. De fato, ela se tornou uma grande cidade, como diversas outras tantas espalhadas pelo continente artoniano. E, pelo visto, atraiu também grandes figurões dessas mesmas grandes cidades, entediados demais com os problemas de suas próprias.

E foi aí que a situação começou a se complicar.

O homem de quem vou falar nesse momento exerce um certo... *fascínio* nas pessoas quando passa, e, acreditem, isso não é de hoje. Poderia apostar um pedaço de unha com uma bruxa desdentada que, quando nasceu, os deuses escolheram o carisma como seu maior atributo. Não importa; o fato é que ele adentrou em meu território como se estivesse em sua própria morada, com o mesmo olhar despreocupado do homem que não teme ver seu poder desafiado. Talvez porque o desafio não fosse uma constância.

Talvez porque não houvesse quem o desafiasse, ainda que o fosse.

Não poderia reprimi-lo por isso. Não poderia *mesmo*. Foram anos, juntos e separados, servindo ao Reinado. Servindo à justiça; servindo à lei.

Servindo ao Rei.

– Olá, Dredd...

O *tom* daquela frase confirmava. Agora iria dizer que ouviu sobre minha nova vida, mas não acreditou.

– Juro que não levei muito a sério quando ouvi dizer que havia se tornado um pescador...

A frase foi dita com propósito. Ele sabia que eu saberia o que ele iria dizer. [hum... e como ele faria isso?]. Porque sempre foi assim. Um à frente do outro. É exatamente por isso que ele se sentia em casa. E talvez, se eu estivesse de bom humor naquele dia frio demais para um homem com o dobro da idade que gostaria de ter, todo aquele jogo teria funcionado. Sim, se eu estivesse de bom-humor, teria funcionado.

Mas a questão era que eu não estava.

– Não se sente sozinho aqui, Dredd?

A verdade? Talvez eu realmente me sentisse sozinho ali, mas não iria admitir naquele momento. Não ali.

Não naquele momento.

– Eu tenho peixes; tenho vinho; tenho livros, e tenho tempo. O que mais um homem precisaria para envelhecer com dignidade?

– Homens como você não envelhecem.

– Diga isso para ossos que rangem em noites frias, ou pulmões que tussam em ambientes úmidos. Infelizmente, um homem não é como uma cidade; ele não derrota o tempo. Nossos corpos não podem mais enfrentar jovens vívidos e desengonçados, sedentos por batalhas sangrentas demais.

– Talvez; mas suas mentes os superam em liderança. E suas experiências não podem ser compradas pelos Reis mais ricos.

– Experiências de combate?

– Experiências de vida.

Eu sorri e me sentei em um banco desgastado e carcomido, como eu. Ele permaneceu de pé, catando uma maçã de uma macieira da qual eu não dei permissão para que ele a arrancasse. E nem ele me pediu.

– Você deveria arrumar um cachorro... – ele resmungou.

– E dar o seu nome a ele?

– Daria meu nome a um cachorro?

– Não seria o primeiro cão a se chamar “Arkam”.

Arkam. Era esse o nome capaz de causar fascínio tanto no homem bom que caminha com o coração tranquilo, quanto no ruim, que carrega já na alma o preço de seus pecados mais sombrios.

– Meu nome não é tão valorizado assim...

– Verdade? Soube que até mesmo um asilo foi nomeado com ele.

Ele deu de ombros, enquanto mordida um pedaço da maçã.

– Antes um asilo do que um cão, não acha?

– Depende do tipo de intenção de quem cria o asilo, e das pessoas que irão colocar por lá.

– Que tipo de pessoas você acha que combinaria com um local com o meu nome?

– Do tipo de pessoa que precisa de ajuda.

– E com que intenção?

– É o que eu espero que você me diga, para ter o trabalho de vir até aqui.

Arkam sorriu. Ele também nunca soube quem estava à frente de quem. A maçã fez mais um barulho quando ele a mordeu em um pedaço grande.

– Já ouviu as novidades sobre a Tormenta?

– Se eu já ouvi? Você quer dizer descontando o fato de que *estive* lá?

O tom de voz, ao menos o meu, se modificou; e ficou mais tenso. Tenso da forma como é tensa o tom de uma pessoa que fala sobre a morte de um familiar próximo; ou do rapaz que tenta parecer natural diante da garota que faz seu coração parar.

Arkam suspirou. E disse:

– Você ainda não *superou*, não é?

Aquele ponto da conversa começava a ficar perigoso.

– O meu envelhecimento?

– A sua *aposentadoria*.

– Cuidado com as palavras a partir daqui, garoto...

– Eu nunca tive problemas com palavras. Não em relação a você.

– Porque conversávamos como iguais. Hoje, porém, você representa um símbolo gravado em escudo de um ideal que não me compete mais.

– O ideal vive gravado dentro do homem.

– O tempo apaga a chama que o ilumina. E o símbolo que foi gravado.

– Apenas quando o coração permite. Nenhum sonhador pode ter a alma modificada; a única perda realmente inaceitável para um guerreiro é a de seu espírito.

– São bonitas suas palavras. Mas elas ignoram que não sou um calouro cujos olhos brilham diante das palavras de um cavaleiro uniformizado, a quem ele considera superior.

– Eu sei. Você é um consagrado herói de um Reinado que precisa de você, ainda que você não precise mais dele.

Silêncio. Um silêncio que começa dentro do homem, e se espalha ao redor.

Um silêncio quebrado apenas pelo som daquelas malditas mordidas naquela maldita maçã.

– Sabe quanto tempo eu servi usando a mesma insígnia que você carrega hoje, protetor? – a pergunta era minha.

– Trinta anos.

– Trinta e dois. Eu escoltei mais princesas do que seus dedos das mãos. Eu degolei mais espiões do que o número de orcs que amaldiçoa seu nome. Eu levei uma facada por um rei. Eu treinei mais soldados do que a memória de um bardo poderia guardar...

– Eu sei.

– Eu entrei em uma *Área de Tormenta*. Eu enlouqueci diante da visão de demônios que perfuram cada trecho do seu cérebro, como se estivessem pressionando um alfinete de dentro para fora a cada visão, *simplesmente* porque eles não deveriam existir no seu conceito de realidade. Eu escutei sons nauseantes que procuro descrições em metáforas dos livros mais bem escritos, e não encontro; talvez porque só estejam descritas nos mal. Eu respirei odores capazes de te fazer vomitar as entranhas, porque *parece* o cheiro de sangue em estado gasoso, e, de vez em quando, o ambiente está tão quente, mas tão quente, que parece o cheiro do *seu* sangue, expirando de você através dos *seus* poros. Você sabe o que é isso?

– Eu sei...

– E quando um homem vê algo como *isso*, e sobrevive a algo como *isso*, sabe o que ele ganha depois de uma vida seguindo flâmulas bordadas com mascotes? Nada. Ele não ganha nem se torna nada, no momento em que sua sanidade não se torna mais compatível com a realidade em que ele deveria estar. E para não deixar ainda mais vago esse *nada*, vou usar uma melhor definição. Sabe o que você se torna depois disso tudo, Arkam?

–...

– Uma *cobaia*. Um rato de experimento de magos brincando com magia pouco conhecidas, em academias que ensinam crianças a dançarem com gênios sem imaginar o que se esconde em áreas vermelhas longe de seus sorrisos, e da irresponsabilidade que rodeia suas tutelas. Elas não imaginam o que é o mal longe dos livros empoeirados, que elas só conseguirão terminar depois dos trinta. Nem o que uma pessoa se torna diante do inenarrável. – uma pausa. – Mas eu sei. Você se torna o tipo de pessoa que enviariam para um asilo com um nome como o seu, se lá houvesse a pior das intenções.

Arkam já havia terminado de comer sua maçã. Mas se não o tivesse, acho que ele teria perdido a fome ainda assim.

– Está certo, Dredd. Eu admito; eu preciso de você. O Protetorado desse reino está estático diante de uma ameaça que ele não está acostumado a enfrentar. – ele também fez uma pausa, como se fosse difícil revelar as cartas depois de um blefe descoberto. – Os demônios de Tormenta, eles...

Aqui aquela conversa havia chegado ao ponto mais perigoso.

– Eu preciso que você comande uma operação contra Demônios de Tormenta.

Ao ponto mais perigoso.

– Corajoso da sua parte vir até aqui me pedir isso.

– Eu sei.

– Você sabe que eu poderia considerar uma afronta, não sabe?

– Eu sei.

– E se ainda assim, você veio, é porque deve ter uma boa história para me contar.

Uma história que erga as minhas sobrancelhas para que eu entenda a justificativa, afinal, eu perdi um pouco da sanidade, mas não perdi a inteligência. Nem minha memória. Infelizmente, nem minha memória...

– Gostaria de poder...

– Mas você não pode. Você é um líder, mas não pode nada. Não se o Imperador-rei não mandar.

Houve aquele mesmo silêncio. Aquele em que um não sabe se concorda com o outro, ou afunda a cara desse outro no chão.

Nenhuma das duas opções poderia se chamar de positiva.

– Você já vestiu o emblema; não cuspa nesse prato. Você sabe as obrigações de um militar.

– As obrigações, sim. Mas nem elas me prepararam para ver o nome dos meus comandados, mortos por demônios rubros, estampados em placas de um muro polido de uma praça de mendigos, enquanto suas famílias passam fome prestes a serem desalojadas.

– Não diga insultos! Thormy tem programas que beneficiam as famílias de seus soldados.

– Sim. Dos vivos.

– As famílias dos mortos recebem ajuda durante um prazo. Se um Reino for sustentar a família de cada soldado morto, em tempos de guerra estará indo à falência em menos de um ano!

BAM! Foi o som do corpo dele prensado pela garganta no tronco da macieira.

– Não os insulte você ! Eles não eram *soldados comuns*! Você é um soldado comum perto deles! Eles eram soldados de elite; eram Cavaleiros do Protetorado ! Soldados que já davam o sangue por esta instituição quando você ainda era um moleque mimado, tentando furar a fila para ingressar nessa instituição!

Era interessante que, se Arkam quisesse, ele poderia quebrar o meu braço na garganta dele com seu *macabro* braço metálico, tão fácil quanto eu partiria um graveto. Mas ele não o fez. Talvez porque realmente precisasse de mim inteiro.

Talvez porque achasse que merecia ouvir aquilo.

– Você não sabe o que é estar no coração do abismo! Eles souberam. Ver uma podridão de vermelho-sangue e metal enferrujado, misturados a arquiteturas bizarras construídas com ossos retorcidos que ainda apresentam nervos ao redor. Você e nenhum desses aventureiros que me torram a paciência de tempos em tempos, sabem! – e aqui eu soltei o pescoço dele. – As Montanhas Sanguinárias, o Deserto da Perdição, a Ilha de Galrasia; nada disso é *perigo* perto de se estar realmente no abismo! E é isso que a Tormenta é!

– Eu sei o que a Tormenta é.

– Sim, você sabe sim. Mas você *ainda* não sabe o que é perder seus soldados para ela. O que será vê-la tomar cada vida, uma a uma, da forma mais cruel e criativa que um demônio pensar. Você ainda não sabe o que é assistir pessoas que esperavam de você uma solução, mas que cujas instruções não receberam porque você corria feito um bicho, tentando fugir de um predador ensandecido, e deixando amigos para trás.

– Dredd, como disse, ou *tentei* dizer, eu não posso anular o passado. Gostaria. Mas não posso. Mas de uma coisa sei: posso lhe oferecer um futuro diferente. O fato é que, se você nada pôde fazer antes, agora você pode! Pode fazer com que as pessoas que morreram naquele dia, o tenham feito por alguma coisa!

Aquilo foi um golpe baixo. Mas é assim que um soldado luta quando está ferido, e precisando sobreviver.

– Os Demônios de Tormenta vão avançar sobre nós, e precisamos detê-los enquanto ainda é tempo! Você os conhece, conhece seus poderes, e é um grande combatente!

– Nada que você não tenha dentro do Protetorado! Mesmo o *de hoje*.

– É verdade! De material humano para combate, eu tenho os melhores. E existem realmente alguns outros *sobreviventes*, mas a maioria louca demais para poder ajudar!

Além do mais, eu não vim procurá-lo *exatamente* por sua habilidade em combate, mas por sua fabulosa perícia investigativa!

– E no que isso poderia lhe ajudar? Por acaso você quer caçar demônios dentro de uma Área de Tormenta? É só entrar lá que eles o recebem de braços abertos.

– O problema, Dredd, é que os demônios estão agindo fora das Áreas de Tormenta...

Uma vila de pescadores geralmente é um lugar calmo. As pessoas se conhecem, se relacionam, e alimentam o próprio mundo limitado por elas mesmas. São pessoas que escutam muitas histórias, mas vivem poucas delas. Dois heróis de guerra se encontrando em um local como esse já se torna uma notícia de um mês inteiro. Talvez mais. Ou muito mais.

E as pessoas sorriem, e acham graça. E se sentem orgulhosos do testemunho histórico debaixo de suas barbas.

Ainda que ambos estejam falando do fim do mundo.

– Shinobis? – eu perguntei, franzindo a testa. – Isso parece coisa de tamuraniano!

– É outro nome para "ninja"! Esses demônios são peritos na arte da furtividade! Eles estão obtendo sucesso na eliminação de estudiosos da Tormenta! O velho Talude já está nos pedindo proteção para alguns membros da sua Academia Arcana!

– Quando um mago experiente, orgulhoso e rabugento como esse pede ajuda, é porque a coisa deve estar realmente séria. Vocês o atenderam?

– Sim. E nosso protegido foi morto embaixo das barbas de alguns dos meus melhores homens, sem que eles nem mesmo entendessem de onde partiu o ataque!

Eu até mesmo ri. Talvez ainda fosse considerado um homem insano; talvez tivesse ficado curado e o mundo tivesse enlouquecido.

Qual seria a diferença nesses casos, não é verdade?

– Imagine o que a população iria achar se descobrisse que o Protetorado não pode proteger pessoas...

– É por isso que eu preciso de você, Dredd. Você pode caçá-los, e ensinar outros a fazê-lo! O Reinado dará o que você quiser: dinheiro, soldados, estabelecimentos, assistência para sua família em Valkaria! O que você quiser!

A minha família. Até mesmo *naquilo* ele havia pensado antes de vir até mim. E para apelar tanto assim era porque estava realmente desesperado por minha ajuda.

– Eu estou aposentado...

– Só os mortos viram o fim da guerra. Soldados que respiram sempre retornam à batalha.

Eu havia ensinado aquilo a ele, durante o treinamento no Protetorado. Não era um desgraçado de dizer aquilo na minha cara? E ainda continuou:

– No fundo dessa cela em que você próprio se enclausurou, existe um ser humano! Um oficial da lei que sabe de suas responsabilidades perante a sociedade artoniana.

Arkam seguiu em direção a seu cavalo, e eu o acompanhei, como antigos companheiros. Eu queria dizer alguma coisa para fechar o diálogo, uma frase de efeito que o atual líder do Protetorado não imaginasse que pudesse dizer. [mas...]. Mas era impossível.

Afinal, um sempre estava à frente.

E foi pensando dessa forma, que vi o guerreiro do braço metálico montar em seu cavalo, e se despedir dizendo:

– A propósito, Carolina já está mesmo se tornando uma mocinha! Ela me mandou dizer que está com saudades do pai, mas para você tomar um banho antes de ir visitá-la! Sabe como é? Para tirar esse cheiro de peixe horrível!

Desgraçado. O pior foi que eu ri. O pior foi que, naquele momento, eu voltei a sorrir.

Maldito desgraçado.

– Até qualquer dia. – eu disse, sem saber se era o que eu queria dizer.

O maldito puxou as rédeas de sua montaria, fez o cavalo se erguer, e partiu Gorendill afora apontado por famílias de pescadores, enquanto deixava gravado em alguma curva o grito:

– *Até breve!* Até breve, Comandante Murdock!

Comandante Murdock. Há tempos ninguém me chamava assim. Arkam não era um líder à toa. Ele sabia; ele sabia mexer com as pessoas. Muito mais do que o suficiente.

Afinal, ele tinha carisma como um de seus maiores atributos.

Comandante Murdock.

A frase ainda ardia; e o que incomodava era que o ardor era bom. Porque era inesperado; e irrepreensível. Eu não soube o que dizer, e tive de engolir que, pela primeira vez em toda história de nossas vidas, um esteve à frente. E somente à frente.

O maldito sabia que esse dia chegaria.

E que, se estávamos diante do início do fim do mundo, aquela era a *maldita* hora de renascer.